



# Coração, Cabeça e Estômago

Camilo Castelo Branco

---

## Introdução: origens do Romantismo

As origens do Romantismo encontram-se na Alemanha e na Inglaterra, mas foi a França o polo coordenador e divulgador do movimento. Isto se deveu, principalmente, à disseminação dos ideais de Liberdade, Igualdade e Fraternidade, que foram apregoados pela Revolução Francesa e espalhados por toda a Europa, produzindo transformações históricas, sociais e culturais.

As primeiras manifestações românticas surgem já no final do século XVIII, no movimento conhecido como “Sturm und Drang”, que daria início ao Romantismo alemão, que teve nomes como Goethe, Herder, Schiller e os irmãos Schegel, e um programa de ação que incluía o combate ao racionalismo clássico, o retorno à natureza e o culto da melancolia e da afetividade. Paralelamente, na Inglaterra e na Escócia, autores como Edward Young, James Macpherson, Thomas Gray, Lord Chatterton, Walter Scott e Lord Byron, tanto na poesia como na prosa, pregavam, também, o domínio da emoção e da subjetividade.

Todavia, não obstante a importância dos autores alemães e ingleses e apesar da magnitude de sua obra, será a França, pelas razões já citadas, o grande centro do movimento, que lá terá nomes como Chateaubriand, Lamartine, Musset e Victor Hugo, considerado o grande arauto da nova estética literária (“ni règles, ni modèles”: nem regras, nem modelos). Com efeito, as novas ideias espalhavam-se pela Europa, à mesma proporção que os exércitos napoleônicos avançavam e conquistavam espaços.

As consequências sociais da Revolução Francesa, com a crise das monarquias absolutistas, a ascensão da burguesia ao poder e o surgimento do liberalismo na política, moral, economia e arte não demorariam a se fazer sentir: logo se estabelece uma nova escala de valores, em que predomina o interesse pelo enriquecimento.

A arte passa por significativa transformação, refletindo os ideais burgueses de pensamento e vida. Entre outras alterações, ocorre a profissionalização do escritor que, em busca de melhor condição econômica, produz a obra literária ao gosto do público leitor. Cria-se, desse modo, uma estreita relação entre autor, obra, editor e leitor. E a partir deste momento, o escritor trabalhará em função desse público, constituído, em sua maioria, por uma classe média — a burguesia — despreparada intelectualmente e insipiente em relação à arte de até então, que era caracterizada pela erudição, pelo rigor formal, pelo preciosismo vocabular e alegorias extraídas da cultura clássica, greco-romana. A nova condição socioeconômica determina, no entanto, o interesse pela ascensão intelectual, gerando um público consumidor da literatura da época.

---

## Características gerais do movimento: o Romantismo

A ascensão da burguesia — intelectualmente despreparada e insipiente quanto à arte erudita cultivada até então — como classe social dominante, contribuiu para que os gêneros literários modelados pelo rigor clássico — como a epopeia, a tragédia e a comédia — dessem lugar a uma narrativa mais adequada ao caráter intelectual desse novo público: o romance, logo popularizado e absorvido pelos leitores ascendentes. A poesia deixa os rigorosos conceitos clássicos de rima, métrica e forma fixa; preconiza-se a liberdade artística e formal, a aproximação da linguagem poética à linguagem oral e coloquial. E a arte passa a refletir o mundo interior do “eu”, originando um conceito de artístico altamente individualista e egocêntrico.

Dessa mudança de atitude em relação à Arte decorrem as principais características da estética romântica:

- subjetivismo, o egocentrismo, o narcisismo;
- o predomínio da emoção e do sentimento sobre a razão, gerando o chamado “derramamento de emoções” ou “descabelamento romântico”;
- o desequilíbrio, a anarquia, o ilogismo, provocados pelo excesso de sentimentalismo e pela ausência da razão;
- a prevalência da imaginação e do idealismo sobre o real e o concreto;
- a fuga da realidade, evasão, escapismo;
- a fantasia como saída única para o desespero, o que faz criar mundos em que o “eu” possa encontrar consolo: daí o retorno ao medievalismo, ao passado remoto; a presença de terras exóticas, lugares longínquos, a busca, na natureza, de remédios para os males do coração ou, finalmente, a deserção total, através da morte, sobretudo para os “ultra-românticos”;
- a introversão, na sondagem do mundo interior o qual se prolongará na mundividência romântica e na natureza, agora dinâmica e expressiva, refletindo as emoções do “eu”;
- a preferência pela paisagem noturna, que possibilita o sonho, a imaginação e a fantasia;
- a sensação de tédio, morbidez e pessimismo diante da vida, atitude conhecida como “Mal do Século” (“Mal du Siècle”) e assumida, principalmente pelos ultra-românticos;
- a instabilidade emocional, tipicamente adolescente, que fez valer ao movimento a designação de “estética de adolescentes”;
- o nacionalismo, a exaltação da pátria, ufanismo, tentativa de recuperar as origens telúricas;
- no plano formal, segundo dito anteriormente, a liberdade de expressão: a língua passa a ser veículo das emoções do “eu”, apoiada, estilisticamente, em figuras como a metáfora, a comparação, a prosopopeia, a sinestesia e a apóstrofe, entre outras.

## A época: contexto histórico do Romantismo português

O Romantismo em Portugal estende-se de 1825 a 1865, período marcado por uma grande e generalizada instabilidade no país.

Tendo perdido grande parte das colônias que formavam seu antigo “vasto império” — como a ele se refere Camões, em *Os Lusíadas* —, Portugal voltara, no início do século XIX, suas esperanças para o Brasil. Mas não há tempo para que tais esperanças se concretizem, nem para que se espere um futuro melhor: a invasão das tropas napoleônicas, em 1808, determina a vinda da família real para o Brasil, e a metrópole se vê, então, na humílima condição de “colônia da própria colônia” e sob o comando de um inglês — Beresford — até 1820, quando a Revolução do Porto convoca a Assembleia Constituinte e D. João VI volta ao país.

Nem a promulgação da nova Constituição, em 1822, acalmaria os ânimos. A Independência do Brasil, no mesmo ano, agravaria a situação político-econômica do reino e daria início a tempos ainda mais turbulentos, marcados pela disputa de poder entre os irmãos Pedro (I do Brasil e IV de Portugal) e Miguel — vitorioso em 1833, mas obrigado a abdicar e abandonar o país um ano depois —, e, depois, pela coroação de uma rainha de apenas quinze anos — D. Maria, filha de D. Pedro. O clima de desordem continua até 1847, quando o chamado governo da Regeneração, apoiado pela burguesia, assume o poder, trazendo uma fase de maior estabilidade.

Não bastassem os conflitos de ordem política, Portugal apresentava ainda, à época, um panorama social desolador: oitenta por cento da população era analfabeta e a economia, dada a ausência de um verdadeiro processo de revolução industrial, como o que ocorria no restante da Europa, assentava-se em bases agrícolas, o que levou os intelectuais, fartos de tantos desacertos, a preferirem, muitas vezes, o exílio voluntário, como o fizeram Alexandre Herculano e Almeida Garrett.

Todos esses acontecimentos tornaram incipiente o início do Romantismo em Portugal, marcado pela publicação do poema *Camões*, de Almeida Garrett, em 1825. Mesmo assim, sua pujança viria a ocorrer mais tardiamente, com o reconhecimento de nomes como Almeida Garrett, Alexandre Herculano e Camilo Castelo Branco, entre outros.

Refletindo a turbulência da época, o Romantismo português atravessaria quarenta anos, sendo convencionalmente dividido em três fases, os chamados “momentos românticos”, assim classificados de acordo com o predomínio de certas características ao longo de sua evolução:

- O primeiro momento estende-se de 1825 a 1838, e tem como maiores nomes Almeida Garrett, Alexandre Herculano e Antônio Feliciano de Castilho. Este período apresenta, ainda, certos resquícios neoclássicos e uma postura formal ainda conservadora, cultivando um romantismo mais no plano do ideal e da ação libertária do que nos aspectos formais.
- O segundo momento vai de 1838 a 1860 e é representado pela obra de Camilo Castelo Branco e Soares de Passos. Nesta fase reina, absoluta, a emoção, o descabelamento, o exagero, ao lado da sensação de tédio, morbidez e desespero em relação à vida e ao mundo.
- O terceiro momento abrange o período de 1860 a 1865 e é marcado pela prosa de Júlio Dinis e pela poesia de João de Deus. Prenunciando o término do movimento, apresenta antecipações da nova estética que surgia, o Realismo.

Importa, neste passo, o segundo momento, em que se localiza Camilo Castelo Branco. Aqui os intelectuais abandonam os ideais românticos do primeiro momento e desandam para o chamado *ultra-romantismo*: a exacerbação das emoções, a passionalidade exagerada. A obra novelística passional de Camilo é representativa dessa fase.

---

## O autor: Camilo Castelo Branco

Camilo Castelo Branco nasceu em Lisboa, em 1825, e suicidou-se a 1<sup>o</sup> de junho de 1890, em São Miguel de Seide. O autor parece ter vindo ao mundo sob o signo da desgraça, que o acompanharia por toda a vida: órfão dos pais aos dez anos, foi criado por uma tia e por uma irmã mais velha. Casa-se aos dezesseis anos, com uma aldeã, que lhe dá uma filha; logo abandona as duas e vai para o Porto e Coimbra tentar, em vão, cursar Medicina. Aos vinte e três anos, estabelece-se no Porto, após uma aventura amorosa em Vila Real. Inicia, então, sua carreira literária, ao mesmo tempo em que se envolve em várias aventuras amorosas, incluindo uma freira, Isabel Cândida.

Entre 1850 e 1852, recolhe-se a um seminário, em profunda crise religiosa. Conhece, a seguir, Ana Plácido, a grande paixão de sua vida, mas não pode concretizar esse amor de imediato. Dedicar-se à literatura, escrevendo para sobreviver: deixaria, ao todo, cinquenta e oito novelas, além de poesia, teatro, crônica, crítica, memórias e história, em uma produção copiosa, que se iniciara em 1851, com a narrativa *Anátema*. Em 1858, Ana Plácido abandona o marido para viver com Camilo. Processados por crime de adultério, são presos na cadeia da Relação do Porto, onde Camilo escreve sua obra-prima, *Amor de Perdição*. Levados a julgamento, ambos são absolvidos, e o escândalo acaba por ter um lado positivo: traz a Camilo a notoriedade, que a publicação de *Amor de Perdição* confirma e intensifica.

Com a morte do marido de Ana Plácido, os dois vão viver em São Miguel de Seide, na quinta que ela recebera como herança. Mas a sorte não lhe sorri: tendo que sustentar a mulher e três filhos, um dos quais do casamento anterior de Ana Plácido, Camilo entra a escrever desenfreadamente, e ainda suporta grandes desgostos: a sífilis, que lhe causa uma cegueira progressiva, e problemas com os dois filhos — um, desajuizado completamente, e outro, acometido de loucura. Não suportando mais tantas dores, nem a perda total da visão, suicida-se, a 1<sup>o</sup> de junho de 1890, quando já possuía fama e respeito como literato.

---

## Autor copioso, obra vasta e variada

Camilo Castelo Branco foi um autor copioso: deixou vasta e variada obra, distribuída por vários gêneros, literários ou não: poesia, novela, romance, teatro, conto, crônica, historiografia, epistolografia, jornalismo, polêmica, folhetim, crítica literária. De sua extensa produção, importam, sobretudo, as novelas — gênero em que se insere *Amor de perdição* — e os romances que deixou.

---

Suas novelas podem ser agrupadas em três fases, de acordo com as características que apresentam e os temas que abordam. Na primeira fase, cedendo ao gosto do público leitor da época, apreciador de narrativas longas, Camilo escreveu novelas melodramáticas, em que predominam o fatalismo, o ódio, a vingança, o crime. As narrativas não apresentam verossimilhança, e há pobreza psicológica na elaboração das personagens, representativas da miséria, da perversão, da corrupção e da dor. É o que se pode classificar como literatura convencional de entretenimento. Predominam as novelas de mistério e de temas históricos, entre as quais se destacam *Carlota Angela* e *Onde está a felicidade?*

A segunda fase, expressa pelas novelas passionais, corresponde ao melhor de sua obra e representa a sua maturidade literária. Os textos são vazados em linguagem direta, comunicativa, coloquial e, às vezes, irônica. A imaginação privilegiada de Camilo, aliada à sua sensibilidade para com os problemas sentimentais, cria, aqui, novelas que estimulam a leitura, despertando no leitor o desejo de acompanhar, por inteiro, as peripécias nas quais as personagens se envolvem. O suspense, bem dosado, o enredo conciso, equilibrado, além de projeções autobiográficas, aproximam o leitor, o autor e a obra, na qual o amor, sentimento dominante, reina absoluto. A esta fase pertencem *Amor de salvação*, *A queda de um anjo*, *Coração, cabeça e estômago* e *Amor de Perdição*, considerada sua obra máxima.

A terceira fase corresponde ao final da vida de Camilo que, ao estudar as novidades realistas e naturalistas com o intento de criticá-las, acabou enveredando para a nova moda e escreveu quatro romances — não mais novelas — em que se destacam a crítica social, a observação da realidade, a descrição minuciosa, a sátira da sociedade e a abordagem de temas realistas como o adultério, vazadas em linguagem mais popular: *Eusébio Macário*, *A corja*, *A brasileira de Prazins* e *Vulcões de lama*.

---

## O enredo: um divertido e crítico quebra-cabeças

Esta é uma novela satírica, escrita pelo autor com vistas ao público leitor, e considerada pela crítica uma das melhores em seu gênero na língua.

A nota introdutória das Publicações Europa-América à obra explica e situa esta produção entre outras do autor:

“É esta a obra de Camilo onde se reúnem características semeadas por toda a sua produção literária, como se, indo buscar pedaços de cada personagem já criado, concluísse o puzzle da sua galeria de tipos.

O autor esmerou-se para nos presentear com uma das melhores novelas satíricas em língua portuguesa. Nela desvenda as misérias duma sociedade que se compraz na vulgaridade e na hipocrisia, praticando todo o gênero de excessos e orientando todas as suas energias para a cupidez, a brutalidade e a ânsia de ascensão social.

Coração, Cabeça e Estômago é o percurso de Camilo pela vida de Silvestre da Silva, situando em cada uma destas partes da sua anatomia a causa dos infortúnios e êxitos do personagem.

Escrito pelo punho do próprio Silva em apontamentos soltos, que o autor, seu amigo particular, teria salvo das mãos dos credores, que julgavam serem papéis de crédito os papéis de escrita, a obra divide-se em três volumes, cada um deles dedicado à parte anatômica a que o título se refere e que parece comandar a roda da fortuna do Sr. Silvestre em cada uma das fases da sua vida.”

Trata-se de uma narrativa recolhida, em fragmentos soltos, pelo autor da novela, que é amigo de Silvestre da Silva, o protagonista e narrador em primeira pessoa.

Silvestre da Silva teria escrito os apontamentos cosidos pelo autor como “Memórias” já numa idade madura, com uma postura reflexiva e auto-irônica. O tom de ironia e a linguagem mordaz permitem que o autor proceda a uma contundente crítica à sociedade de seu tempo, desnudando a hipocrisia, a vulgaridade e a cupidez que a caracterizaram.

A novela é dividida em três das partes anatômicas de Silvestre: o coração (primeira parte), a cabeça (segunda) e o estômago (terceira).

### “O CORAÇÃO”

Nesta primeira parte, Silvestre traz de volta sua paixões dos tempos de juventude e os sofrimentos por que passou, na exacerbação dos sentimentos e nos arroubos emocionais. Isso possibilita ao autor fazer uma crítica ao Ultra-Romantismo e seus exageros de forma bem-humorada. Segundo a já referida nota introdutória,

“Pelo coração advêm a Silvestre os mais diversos dissabores. Apaixonado e arrastado para casos sentimentais com sete mulheres (número cabalístico?), aproveita Camilo os sete devaneios do personagem para nos apresentar outras tantas figuras de mulher, donde sempre ressaltam os condimentos de enredo tio queridos ao autor, a saber: as bastardias, os casamentos de conveniência, as desonradas, os enjeitados, etc.

Dentre todas elas destacam-se duas histórias de mulheres, que merecem que nelas se detenha o leitor mais atentamente e que são ‘A mulher que o mundo respeita’ e ‘A mulher que o mundo despreza’, dois retratos bem cruéis, pela veracidade, numa sociedade que absurdamente, e por apenas respeitar o dinheiro e o poder, permite que os maiores desaforos morais sejam aceitos quando provêm do estrato social e economicamente dominante e que as virtudes, apanágio normalmente dos pobres e dos deserdados da sorte, sejam olhadas como torpeza.”

Esta parte traz também um “Preâmbulo” que conta como os apontamentos de Silvestre da Silva foram encontrados. Trata-se, aqui, de uma tentativa de conferir verossimilhança à narrativa. Quem encontrou os manuscritos foi um certo Faustino Xavier de Novais:

— O meu amigo Faustino Xavier de Novais conheceu perfeitamente aquele nosso amigo Silvestre da Silva...

— Ora, se conheci!... Como está ele?

— Está bem: Está enterrado há seis meses.

— Não morreu, meu caro Novais. Um filósofo não deve aceitar no seu vocabulário a palavra morte, sendo convencionalmente. Não há morte. O que há é metamorfose, transformação, mudança de feitio. Pergunta tu ao doutíssimo poeta José Feliciano de Castilho o destino que tem a matéria. Dir-te-á a teu respeito o que disse de Ovídio, sujeito que não era mais material que tu e que o nosso amigo Silvestre da Silva. ‘Ovidio cadáver’ pergunta o sábio, ‘onde é que pára? Tudo isso corre fados misteriosos, como Adão, como Noé, como Rômulo, como nossos pais, como nós, como nossos filhos, rolando pelos oceanos, flutuando nos ares, manando nas fontes, correndo nos rios, agregado nas pedras, sumido nas minas, misturado nos solos, viçando nas ervas, rindo nas flores, recendendo nos frutos, cantando nos bosques, rugindo nas matas, rojando dos vulcões, etc.’ Isto, a meu ver, é exacto e, sobretudo, consolador. O nosso amigo Silvestre da Silva, a esta hora, anda repartido em partículas. Aqui faz parte da garganta dum rouxinol; além, é pétala numa tulipa; acolá, está

consubstanciado num olho de alface; pode ser até que eu o esteja bebendo neste copo de água que tenho à minha beira e que tuo encontres nos sertões da América, alguma vez, transfigurado em cobra cascavel, disposto a comer-te, meu Faustino.

O que te eu assevero é que ele deixou de ser Silvestre da Silva, há seis meses, posto que os parentes teimam em lhe ter uma lousa sobre o chão, onde o estiraram, com esta mentira: ‘Aqui jaz Silvestre da Silva’.

Pois é verdade

O nosso amigo começou a queixar-se, há de haver um ano, de falta de apetite, e frialdade de estômago, efeito das indigestões. Foi a banhos de mar à Póvoa de Varzim, e só tomou três, porque perdeu o dinheiro em duas cartas da sua paixão, e voltou para casa a castigar-se do vício, tomando banhos de chuva e leites quinados. Foi de mal a pior. Desconfiou que passava a outra metamorfose, e deu ordem aos seus negócios da alma com a eternidade. Dos bens terrenos não fez deixação, porque lá estavam os credores, seus presuntivos herdeiros, ainda que alguns deles declinaram a herança a benefício de inventário, lamentando que em Portugal não fosse lei a prisão por dívidas: parece que os irritou a certeza de que o cadáver Insolvente não podia ser preso. Em outro ponto te darei mais detida notícia desta catástrofe.

Eu fui o herdeiro dos seus papéis Alguns credores quiseram disputarmos, cuidando que eram papéis de crédito. Fiz-lhes entender que eram pedaços dum romance; e eles, renunciando à posse, disseram que tais pataratices deviam chamar-se papelada, e não papéis.

Aceitei a distinção como necessária e retirei com a papelada, resolvido a dá-la à estampa, e com o produto dela ir resgatando a palavra do nosso defunto amigo, embolsando os credores. Fiz um cálculo aproximado, que me anima a asseverar aos credores de Silvestre da Silva que hão de ser plenamente pagos, feita a 109 edição deste romance.

Aqui tens tu uma ação que deve ser extremamente agradável às moléculas circunfusas do nosso amigo. Espero que Silvestre ainda venha a agradecer-me o culto que assim dou à memória dele, convertido em aroma de flor, em linfa de cristalina fonte, ou em ambrósia de vinho do Porto, metamorfose mais que muito honrosa, mas pouco admirativa nele, que foi deste mundo já saturado em bom vinho. É opinião minha que o nosso amigo, a esta hora, é uma folhuda parreira.

Vamos à papelada, como dizem os outros.

Tenho debaixo dos olhos, mal enxutos da saudade, três volumes escritos da mão de Silvestre.

O primeiro, na lauda, que serve de capa, tem a seguinte inscrição em letras maiúsculas: CORAÇÃO.

O segundo, menos volumoso, diz: CABEÇA.

O título do terceiro, e maior volume, é: ESTÔMAGO.

Nenhum deles designa época; mas quem tiver, como eu, particular conhecimento do indivíduo, pode, sem grande erro cronológico, datar ou três manuscritos.

O Coração reina desde 1844 até 1854. São aqueles dez anos em que nós vimos Silvestre fazer tolice brava.

Em 1855 notamos a transfiguração do nosso amigo, que durou até 1860, época em que tu já tinhas trocado o patrimônio da estima dos teus conterrâneos pelas lentilhas do Novo Mundo. Não viste, pois, a transição que o homem fez para o estômago, sepultura indigna das santas quimeras, que o entonteceram na mocidade, e consequência funesta da má direção que ele deu aos projetos, raciocínios e sistemas da cabeça. Podemos assinar tempo ao terceiro volume, desde 1860 até fim de 61, em que o autobiógrafo se desmanchou do que era para se arranjar doutro feitio.

Silvestre, como sabes, tinha muita lição de maus livros. Olha se te lembras que os seus folhetins eram um viveiro de imoralidades vestidas, ou nuas, à francesa. Jornal em que ele escrevesse morria ao fim do primeiro trimestre, depois de ter matado muitas ilusões. Quem hoje desembulha um queijo flamengo, e lê no invólucro um folhetim de Silvestre, mal pensará que tem entre as mãos o passaporte de muita gente para o Inferno. Não há muito que eu, despejando uma quarta de mostarda num banho de pés, li o papel, que a contivera [...]"

Depois do "Preâmbulo", a narrativa propriamente dita inicia-se, com as sucessivas aventuras amorosas do protagonista.

Leontina, a primeira de suas mulheres, era órfã e tinha sido sustentada por um ourives, amigo de seu falecido pai, por caridade. Fora uma aventura rápida, segundo o narrador; Leontina acabara se casando com o padrinho e ascendera socialmente.

Margarida era o nome da segunda amante, que também era sua vizinha e foi, como Leontina, um caso passageiro. A terceira fora Catarina, uma quarentona de comportamento duvidoso, que tentou enganar Silvestre. Clotilde, a seguinte, era casada, e fez Silvestre passar uma enorme vergonha.

Dona Martinha, uma viúva de trinta e cinco anos, era dona do hotel, e também passou rápida e escandalosamente pela vida de Silvestre, assim como a sexta, uma mulata chamada Tupinoyoyo.

A sétima mulher era uma francesa, Mademoiselle Elise de la Salette. Esta mentiu sobre sua vida passada e expôs Silvestre a um grande ridículo, quando a verdade foi descoberta.

Houve ainda duas mais: Paula, "a mulher que o mundo respeita", e Marcolina, "a mulher que o mundo despreza", no "Coração" desventurado e aventureiro de Silvestre da Silva.

## "A CABEÇA"

Esta segunda parte não é tão bem-humorada; trata da burguesia do Porto e do jornalismo bajulador que a adula.

Silvestre parece usar sempre a cabeça de modo desastrado, que acaba por prejudicá-lo: escreve, num jornal do Porto chamado *Periódico dos Pobres*, artigos que denunciam o que ele considera errado na sociedade da época. Por essa razão, arruma vários desafetos e granjeia antipatias que lhe fazem mal.

Um desses casos é o do Dr. Anselmo Sanches, um respeitado advogado cujas atitudes são duvidosas que, ao ver-se checado, espalha que Silvestre é um caluniador e consegue que o pobre jornalista tenha que pagar uma espécie de fiança para livrar-se de uma pena na Relação do Porto, a prisão local, o que o faz refletir seriamente:

“No vigésimo oitavo caderno de seus manuscritos li as seguintes páginas, que merecem entrar no templo da imortal memória com seu autor:

**Se o mundo elegante no Porto será o mundo patarata de toda parte?**

[...]

Há uma sociedade que não tem obrigação de ser outra coisa, logo que é elegante”.

Abaixo, algumas outras reflexões de Silvestre nesta parte:

“O homem não se deve somente à sua felicidade — primeira máxima.

O principal egoísta é aquele que se desvela e em explorar o coração alheio para opulentar o próprio com as deleitações do amor — segunda máxima.

Como a felicidade do egoísta é um paradoxo, a felicidade pelo amor é impossível — terceira máxima.

Quarta — o bem particular é resultado do bem geral.

Quem quiser ser feliz há de convencer-se de que sacrificou ao bem geral uma parte dos seus prazeres individuais — quinta máxima.

O amor, considerando fonte de contentamentos ideais, é o sonho dum doido sublima — sexta.

Sétima — a mulher é uma contingência: quem quiser constituí-la essência de sua vida aleija-se na alma e cairá setenta vezes sete vezes das muletas a que se ampare do chão mal gradado e barrancoso do seu falso caminho.

Estas sete máximas fui eu que as compus, depois de ler a antiga idade e alguns almanaques que tratavam do amor.

Entrei a cogitar no modo de ser útil à humanidade com a minha experiência e inteligência do coração humano. Ofereceu-se me logo azo de exercitar as minhas benévolas disposições. Escrevi para o *Periódico dos Pobres*, do Porto, uma correspondência contra o regedor da minha freguesia, acusando-o de me prender um criado para recruta. Nesta correspondência discorri largamente acerca dos direitos do homem. Examinei o que foi a liberdade em Grécia e Roma. Procurei-a no berço do cristianismo e vim com ela, através dos séculos, até à Revolução Francesa, que eu denominei o último verbo da sociabilidade humana: tudo isto por causa do recruta e contra o regedor da minha freguesia, que eu cobri de epítetos tais como ominoso e paxá de três caudas.

O regedor respondeu-me e eu repliquei. Seguiu-se uma série de correspondências, que podiam formar um livro importante para a história dos costumes do regedores em Portugal no século XIX.”

**“O ESTÔMAGO”**

A terceira parte traz em epígrafe a frase “De como me casei”. É totalmente diferente das partes anteriores, “O Coração” e “A Cabeça”, pois corresponde á melhor fase da vida de Silvestre da Silva.

Silvestre casa-se com Tomásia, filha do sargento-mor de Soutelo. O sogro tinha uma casa que lhe rendia quinhentas medidas de centeio, o que colabora para que o genro seja um homem bem casado em todos os sentidos: a esposa agrada-lhe e prepara-lhe refeições magníficas, dignas de um paxá; teria filhos saudáveis, dotados de muito estômago, pouco coração e pouca cabeça.

No entanto, a vida calma, pacata, acaba por tirar-lhe a vivacidade e por estupificá-lo; segundo o narrador, Silvestre entra em um marasmo do qual dificilmente desperta, mesmo quando instado a falar de assuntos de que gostava no passado. Na tranquilidade da vida rural e matrimonial, fica doente do estômago de tanto comer e acaba morrendo. Seu mal parece ser, aí, “a imobilidade e o cansaço das molas digestivas”:

“Posso jurar que Silvestre nunca deu sombra de ciúme a sua mulher. A segurança em que mutuamente se tinham é escusado dizê-lo. D. Tomásia era folgazã, fazia rir com suas simplicidades; porém, no que diz respeito à invulnerabilidade da sua castidade de esposa, nunca ninguém, exceto a leitora casada, me deu tão alto grau de respeito. E era bela, a não ser mais, aquela mulher de trinta e dous anos![...]”

Mais de uma vez tentei espertar o entorpecido engenho do meu amigo, recordando as nossas palavras literárias nos cafés e citando passagens mais conhecidas dos seus folhetins. Silvestre acordava por instantes, ouvia-me com aspecto melancólico de saudade; mas logo retomava o ar alarve e motejador de quem se bandeia com os mofadores das letras. Aqui se me depara agora uma

poesia, que ele, em hora bem-humorada, tirou desta mesma pasta para me ler. Quando a releio e aquilato a tendência satírica de Silvestre, mal posso perdoar ao mundo que o exilou da pátria luminosa do espírito para as trevas estúpidas de uma vida cuja felicidade eu desejava, como vingança, a quem me aconselhasse. [...]”

---

## Atividades

1. A obra camiliana *Coração cabeça, estômago* constitui páginas novelescas de inegável sabor \_\_\_\_\_. São páginas em que Camilo Castelo Branco desnuda uma sociedade frívola, estúpida e hipócrita, com incrível veia \_\_\_\_\_.
2. O narrador discorre sobre o fenômeno da morte, sustentando que ela não passa de uma \_\_\_\_\_. Assim, acha estúpida a lápide que diz: \_\_\_\_\_.
3. A parte dedicada ao estômago, contrariamente ao coração e à cabeça expressa \_\_\_\_\_.
4. O “Preâmbulo” da novela informa \_\_\_\_\_.